

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 10 – Abril-Junho de 2000

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
CONTOS.....	7
O SEGREDO.....	9
Massimo Bontempelli	
<i>Tradução: Cláudia Bressan e Geanine Pereira</i>	
NO LUGAR DE COSTUME	13
Dino Buzzati	
<i>Tradução: LígiaRockenbach, Paulo Barrufi e Eunice dos Santos</i>	
A BELA DOS ESPELHOS	19
Mario Tobino	
<i>Tradução: Janisa Scomazzon Antoniazzi</i>	
O TELEFONEMA DE NATAL	25
Alberto Bevilacqua	
<i>Tradução: Silvia Catarina Rossi</i>	
ENSAIO.....	31
VISUALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TRADUÇÃO: OS PROVÉRBIOS E AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	33
Graziella Tonfoni e Laura Turbinati	
<i>Tradução: Cláudia Bressan</i>	

No Lugar de Costume

Autor: Dino Buzzati

Tradução: Lígia Rockenbach, Paulo Barrufi e Eunice dos Santos¹

Orientação: Prof^a Maria Feoli Guaragna²

Após um silêncio de vinte anos a fechadura estalou e a porta deixou Giuseppe Coro entrar na casa cheia de pó e de silêncio.

Embora ainda não fosse noite, pelas janelas fechadas não entrava nada mais que fraquíssimos raios de luz, e bem pouco se podia ver. Acendendo uma pequena lanterna, Giuseppe Coro avançou pelo longo corredor de entrada, olhando atônito as paredes entre as quais vivera em criança, e que por vinte anos haviam ficado abandonadas. Depois ele subiu um lance de escada e entrou diretamente na ampla sala da lareira, o coração da casa, onde a família, pode-se dizer, havia traçado o próprio destino.

Abriu com dificuldade os batentes de uma janela e olhou para fora, para o retângulo coberto de mato que outrora fora um jardim. Era um entardecer melancólico de setembro, com densas nuvens no céu.

Em outros tempos, aquele pedaço de terreno abandonado havia sido um jardim. Giuseppe Coro só guardava sua imagem nos dias de sol resplandecente, com seus caminhos brancos que contornavam os canteiros, e um suave zumbido de insetos, insetos inofensivos entre os quais ele e seus irmãos brincavam sem preocupações. E também as noites, naquela época distante, eram sempre serenas, a lua fazia sua viagem curvilínea no céu, ouvia-se apenas o murmurar da fonte e algum canto longínquo, o jardim emanava uma luz serena e tranquilizante diante da casa adormecida.

Aqueles tinham sido os anos bons e felizes que todos os homens vivenciam, de alguma forma, neste mundo; anos dos quais se perdeu o rastro e que jamais poderão retornar. Apoiado no peitoril da janela, olhando os campos silenciosos, Giuseppe Coro lembrava aqueles tempos, quando, do interior da sala, uma voz lhe falou:

“Boa noite, Giuseppe.”

“Quem é?” perguntou Giuseppe Coro, agitado. Mas na verdade ele sabia perfeitamente quem havia falado. Era a alma da velha casa, que residia no interior da lareira, na mesma direção de um brasão de pedra incrustado na sua fachada.

¹ Alunos do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano no ano de 1993.

² Professora do Setor de Italiano do Instituto de Letras da UFRGS, de 1974 a 1996, quando veio a falecer.

Dela, Giuseppe recordava-se vagamente, mas, retornando à casa após tanto tempo, não tinha certeza se aquela tinha sido uma fantasia de criança ou algo real. Certamente teria preferido que a alma não existisse.

“Boa noite, Giuseppe”, repetiu o espírito sem dar importância à pergunta.

“Boa noite”, respondeu Coro, como se dissesse que havia entendido.

Giuseppe ficou perturbado. Embora ele não lembrasse bem, devia tratar-se de um espírito ríspido e severo. Sabe-se lá quanta irritação ele havia cultivado naqueles vinte anos de abandono. Que tédio justificar-se.

Ao contrário, o espírito da casa manteve-se calado, e foi novamente Giuseppe quem rompeu o silêncio.

“Vim apenas dar uma olhada – disse. Devo partir sem demora.”

O espírito não fez nenhuma objeção. Então Giuseppe Coro olhou ao seu redor com mais atenção, para reconhecer, na penumbra da sala, os móveis, os cantos, as paredes que outrora haviam sido a sua vida.

Tudo estava como antes, excetuando a densa camada de pó, o cheiro de mofo e aquela estranha atmosfera que se forma nas casas desabitadas por muito tempo. O olhar de Giuseppe se deteve com curiosidade sobre um estranho objeto esbranquecido que se destacava em um canto.

Reacendendo a pequena lanterna, para lá dirigiu o facho de luz. Era um esqueleto de animal.

“O que é isto?” perguntou Giuseppe, voltando-se para a lareira com voz assustada.

“É Giusto, o cão, deverias saber”, respondeu a alma da casa em tom pacato.

Giuseppe Coro sentiu um arrepio. Naqueles vinte anos, nem sequer uma vez se lembrara de Giusto, um cão pertencente a uma fazenda não muito distante, que se havia afeiçoado aos Coro e com eles vivia quando a casa era habitada. Um cão qualquer, com o aspecto de um legítimo vira-latas, simples e fiel.

Jamais havia pensado nele naqueles anos. E no entanto, agora Giuseppe Coro compreendia o que era aquela sensação incômoda e inexplicável que de vez em quando aflorava dentro de si no decorrer da longa ausência. Agora se recordava perfeitamente que, após ter deixado a casa naquele outono remoto, fora atormentado dias e dias por um vago pensamento. Com o passar do tempo, a sensação penosa amenizara, repetia-se a intervalos cada vez mais distantes, até praticamente desaparecer. Mas, de vez em quando, nas mais diversas ocasiões, aquela vaga preocupação ressurgia como um raio em sua mente, obscura e repentina lembrança do passado.

Agora tudo estava claro, agora se explicava o penoso tormento, agora se explicava aquele misterioso fermentar no fundo da consciência. Antes de deixar a casa pela última vez, Giuseppe Coro, ainda garoto, combinara com os irmãos que se encarregaria de devolver Giusto ao dono, para que cuidasse dele. No entanto, esquecera-se completamente, e o cão, por descuido, ficara preso da casa.

Agora tudo estava claro, no entanto vinte anos haviam passado, e do cão Giusto nada mais restava além daqueles pequenos ossos amontoados no canto da sala. Giuseppe Coro sentia crescer dentro de si uma angústia indescritível ao avaliar a crueldade ocorrida, que ninguém mais podia reparar. Voltou-se suplicante à lareira, como se pedisse misericórdia. De toda a casa, das outras peças escuras, dos móveis que pareciam adormecidos, lá dos sótãos assombrados, dos recantos dos porões, parecia-lhe que se descarregava contra ele um ódio cultivado ao longo dos anos. O cão Giusto estava morto, e bem morto. Mas as testemunhas ainda estavam presentes, assim como Coro as deixara, os móveis imponentes, os quadros com estranhas faces desbotadas, os livros que espiavam dissimulados das estantes sonolentas. Lá fora começava a chuveirar.

“Diz, espírito da casa!” gritou Giuseppe Coro em meio ao insuportável silêncio, suplicando ajuda. “Fala que não foi culpa minha! Fala, pelo amor de Deus”.

“Os anos já apagaram tudo”, disse a casa. “Tudo está encerrado no livro do tempo. Para que recordar o triste fato?”

“Ainda assim, conta-me”, implorou Giuseppe Coro, pois lhe parecia que somente o espírito da casa poderia libertá-lo do peso que o oprimia.

“Logo me dei conta”, disse o espírito, “e procurei chamar-te naquela manhã, mas todos vocês tinham saído e já estavam trancando a porta.”

“Ele adormecera no lugar de costume”, continuou, “lá onde estão seus ossos, e ninguém percebera. Acordou quando o sol já estava alto e não compreendia por que todos os batentes estavam fechados e não se ouviam as vozes que costumavam vir da cozinha.

“Começou então a circular pela casa, farejando por todos os cantos, procurando algum de vocês. Continuou assim, em silêncio, correndo sempre, até anoitecer. Estava com a língua de fora e muito ofegante. Quando caiu a noite, começou a procurar comida. Na cozinha havia um pedaço de pão, caído debaixo de um armário. E nada mais. O restante tinha sido fechado à chave.”

“E para beber, não encontrou nada?” interrompeu Giuseppe Coro.

“Beber sim, podia beber”, disse a casa, “a torneira de uma pia não estava bem fechada e caíam algumas gotas. Ele se apoiava na borda e lambia a pia molhada.

“E quando, quando foi que percebeu que estava preso?” perguntou ainda Giuseppe Coro.

“Foi no dia seguinte, lembro-me como se fosse hoje. Havia cochilado aqui e ali sem saber se era noite ou dia, porque os batentes estavam fechados. Mas quando amanheceu, Giusto percebeu muito bem, porque ouviu os galos e depois os pássaros cantarem lá fora, no jardim. Então começou a latir. Oh, que som terrível, atravessava as paredes e se espalhava pelos campos desertos! Mas nos arredores não havia nem um camponês, e ninguém apareceu para libertá-lo.

“Dois dias, quase sem interrupção, dois dias e duas noites continuou a latir. Ele acreditava ter ficado só. Entretanto ali estávamos nós, todas as coisas desta casa, que também a vocês humanos pareciam mortas. Ali estávamos nós e nada podíamos fazer, porque justamente nós o mantínhamos preso.

“Ele se debatia contra a porta. Abre, deixa-me sair, gritava, quantas vezes te arranhei com as unhas e estraguei tua pintura, eu sei, mas não me deixes morrer por causa disto. E a porta bem que teria preferido deixá-lo sair, pelo menos para fazer cessar aqueles uivos obsessivos. E o que mais poderia fazer a porta, trancada como estava?

“Sabe-se lá onde tu estavas aquele dia, Giuseppe, talvez brincando com os teus amigos, ou à mesa com os teus, dormindo despreocupadamente na tua cama confortável, enquanto aqui acontecia aquele horror.

“Na terceira noite, dois camponeses que passavam pela estrada, em direção ao rio, ouviram os latidos e pararam. Eu os via de longe e também ouvia o que diziam. Escuta como late, dizia um, parece que está acontecendo alguma coisa. Todos os cães latem à noite, dizia o outro, que mais pode ser? Inclusive, três noites atrás não consegui pregar olho por causa daquele maldito animal dos De Colle, que tinha visto algumas sombras, quase descí para dar uns tiros. Pode até ser, dizia o primeiro, mas de animais eu entendo, e estes latidos não me parecem normais.

“Tudo, eu te juro, tudo eu teria dado para que aqueles dois viessem ver ou avisassem alguém, teria até mesmo deixado que estas paredes incendiassem. Mas eles, ao invés, seguiram seu caminho e logo desapareceram.

“Parou de latir no quarto dia. Lembro-me que era um dia esplêndido e todo o campo estava em festa. Ele já estava irreconhecível, com os olhos saltados, a língua seca, as pernas tão bambas que não mais o sustentavam. Arrastava-se de uma peça a outra e de quando em quando arranhava a porta.

“Os ratos, até mesmo os ratos, que ele normalmente massacrava, também eles tiveram misericórdia. Quando Giusto não os via, deixavam no corredor uns pedacinhos de pão e outras coisas, que não sei onde conseguiam. Mas era preciso muito mais. Também eles acabaram cansando, porque perceberam que era um trabalho inútil. Com o focinho fora dos buracos, ficavam a observá-lo enquanto se arrastava para cima e para baixo, sem descanso, torturado pela fome.

“Já quase não latia, um ou dois latidos de vez em quando, como se repentinamente sentisse uma absurda esperança, que porém logo o abandonava. A vida seguia tranqüila lá fora. Chegavam, como de costume, os sons dos sinos, os disparos de algum caçador, o canto dos pássaros, de vez em quando o rumor de uma carroça que passava em direção ao rio.

“No quarto dia, à noitinha, um outro cão, não sei de qual camponês, ouviu os seus apelos e começou a responder-lhe. Mas estava muito distante e os dois não conseguiam entender-se bem. Neste meio tempo, Giusto começava a perder a voz. Depois de algum tempo o outro não conseguia mais ouvi-lo; porém, de vez em quando, eu o ouvia chamar, por escrúpulo, pedindo notícias. Então Giusto,

tremendo, punha-se de pé, erguia a cabeça em direção ao teto para obter tanta voz quanto possível, mas não conseguia emitir mais do que um mísero ganido.

“Enfim deu-se conta que precisava morrer. Ele teria desejado, como tantos outros animais, refugiar-se em um lugar deserto, em um canto escondido do campo, em algum pequeno vale discreto ou à beira do rio, onde passam somente os corvos. Entretanto, o destino lhe reservou uma morte de burguês, lá, no canto, no seu lugar de costume, onde outrora costumava adormecer nas tardes quentes de verão, enquanto tu, sentado, ficavas lendo.

“No sétimo dia deitou-se e depois não caminhou mais. Pensei que quisesse morrer debaixo da pia, porque até o seu último suspiro, lá podia ao menos livrar-se do tormento da sede. Mas ele preferiu não beber, para poder recolher-se ao seu antigo lugar que lhe fazia lembrar dias felizes.

“Movia a cabeça de um lado para o outro, sem um instante de trégua e gania bem baixinho um pranto resignado. Havia, lembro-me, um frágil raio de sol que penetrava através de um batente e que em torno das quatro da tarde tocava-lhe a cauda, depois passava por todo o seu corpo e se apagava com o pôr-do-sol, quando chegava a iluminar-lhe a cabeça.”

“E morreu raivoso?” perguntou Giuseppe Coro, com uma certa esperança.

“Não”, disse o espírito da casa. “Foi justamente no décimo dia. Visto que ele não mais se mexia, os ratos se puseram a observá-lo da entrada da sala. Um deles havia trazido um pedaço bem grande de queijo, à guisa de último recurso, mas seus companheiros não deixaram que o levasse. É inútil, diziam, é tarde demais. E tinham toda a razão. Ouvia-se, no silêncio, sua respiração ofegante que se tornava cada vez mais difícil. O ganido cessara.

“Nove dias já haviam passado. Ouvi dizer que outros cães sobreviveram sem comer por muito mais tempo, mas te garanto que não me enganei na contagem. Recordo-me de cada um daqueles dias terríveis, poderia dizer-te quantas vezes ele entrou em cada peça, quantas vezes enfiou o focinho entre as barras da pequena grade que leva até o porão e quantas vezes ele foi beber.

“Nove dias haviam passado, e também o último relógio, já sem corda, havia parado. Eram, aproximadamente, nove e meia da manhã. Ele tinha fechado os olhos, como se fosse um sono habitual. Felizmente, lá fora, no jardim, havia naquela hora diversos passarinhos, seis ou sete cardeais, lembro-me, que tinham pousado sobre a bétula do canto. Podiam ser ouvidos claramente também aqui dentro. De olhos fechados, ouvindo aquele canto de pássaros, ele certamente imaginava encontrar-se na margem do rio, embaixo de uma grande árvore, ao ar livre, e estar completamente só, como requer a dignidade da morte. Quando sua respiração cessou, também os passarinhos alçaram vôo.”

A velha casa silenciou, Giuseppe Coro estava imóvel, apoiado no peitoril, de costas para o campo. Ouvia-se o gotejar da chuva. Através da janela aberta penetrava uma sensação de paz nas peças escuras, expulsando as tristes sombras ali acumuladas.

“É necessário sepultá-lo”, disse Giuseppe Coro. “No lugar que mencionaste, à margem do rio. Em um gramado, embaixo de uma árvore.”

“Sim”, disse o espírito da casa. “Sem dúvida ele gostaria que assim fosse.”

A Bela dos Espelhos

Autor: Mario Tobino

Tradução: Janisa Scomazzon Antoniazzi¹

Orientação: Prof^a Susana Termignoni

Lucida Mansi ficou viúva aos 22 anos. Tinha olhos muito negros que acrescentavam algo de irrefreável à perfeição oval do rosto. Para celebrar a morte do marido, vestida de luto fechado, foi vista na igreja com mais frequência, e a cor da roupa a tornava ainda mais esbelta, o âmbar da pele sobressaía mais delicado, os cabelos brilhantes de corvo surgiam entre a desordem dos véus. Sabia que era bonita, mas naqueles primeiros dias, pela curiosidade que despertava, pelos homens que a olhavam com mais liberdade, pela nova condição de riquíssima proprietária, olhou-se com mais atenção e extasiou-se consigo mesma: uma alegria, como uma lufada de vento, lhe sorriu no ânimo; e começou a flertar com os espelhos.

Em 1600, o século em que Lucida viveu, os ouros, os veludos, as sedas, os estuques, os macios cordões coloridos convidavam a adorar a carne. A vila de Lucida estava situada na colina que vê o Serchio estender-se pela ampla planície que o embala até o mar. Na margem esquerda resplandecia, e ainda fervilha, a cidade de Lucca, extraordinária pela sua sagacidade no comércio, confinada nos muros, densa de torres e igrejas.

Os salões da vila de Lucida sucediam-se violeta e damasco; os candelabros túrgidos de cristais, quando começava o calor, e os criados abriam as grandes janelas, tiniam com uma música infantil. Mas em seu quarto, depois da morte do marido, Lucida povoou as paredes com o seu novo amor: espelhos de todas as formas e tamanhos, limpidíssimos, olharam de todos os lados e o mais fiel foi colocado acima da cama para substituir o teto do baldaquino, de tal forma que Lucida, deitada, as roupas não mais necessárias, nele se contemplava e, das paredes, os outros espelhos roubavam o que podiam e se, pelos movimentos, certas belezas se escondiam, outras surgiam.

Na primavera os belos braços moveram-se nus, Lucida chamou para a vila o primeiro amante, ao qual seguiu-se um segundo e o primeiro disse palavras desesperadas, e Lucida, sorrindo, convidou os criados a afastá-lo.

¹ Bacharel em Inglês/ Português pelo Instituto de Letras da UFRGS. Atualmente aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano.